

Lula: uma vitória anunciada

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

O processo democrático brasileiro conhece hoje um fato inédito em seu processo de consolidação. O candidato Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente com larga margem de votos. A vitória de Lula, além de política, traz consigo uma forte carga simbólica, pelas muitas coisas que representa em termos do Brasil, sua sociedade e sua Igreja.

Lula é um nordestino. Nascido em Garanhuns, Pernambuco, uma das regiões mais pobres do Brasil, emigrou para São Paulo ainda jovem, para tentar a vida na cidade grande como tantos outros conterrâneos seus. Deixou a seca para trás em busca de dias melhores, de um trabalho digno, um salário modesto mas decente, que lhe permitisse sustentar-se e ajudar a mãe e a família.

Em São Paulo, Lula tornou-se um operário metalúrgico, trabalhando no parque automobilístico do ABC paulista. Os metalúrgicos são a parcela mais politizada e aguerrida do operariado brasileiro e cedo a liderança e o carisma político de Lula se fizeram visíveis. Presidindo o sindicato dos metalúrgicos, revelou-se um político hábil e um negociador que sem medo sentava-se à mesa com os mais poderosos empresários do país a fim de defender os direitos de sua categoria. Liderou greves, foi preso nos tempos da repressão militar como agitador comunista. Sua mãe, por quem tinha imenso afeto, morreu durante uma das suas prisões, quando ele então teve licença para sair do presídio e ir a seu enterro.

Desde cedo, os caminhos de Lula cruzaram-se com os da Igreja Católica do Brasil. Sendo a única voz que se erguia para defender os direitos humanos nos tempos da ditadura militar, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) reparou naquele líder sindicalista que se relacionava bem com a Igreja, tendo no frade dominicano Frei Betto um amigo e conselheiro; que interagia e participava nas Comunidades Eclesiais de Base, as quais se firmavam nos anos 70 e 80 como um novo modo de ser Igreja; que conseguia que o bispo do ABC paulista, hoje cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Cláudio Hummes, se sentasse à mesa de negociações apoiando a greve dos metalúrgicos para negociar com os empresários.

Quando o Partido dos Trabalhadores, sob a presidência de Lula, foi fundado, a Igreja aderiu de forma expressiva, não apenas em termos de apoio verbal, mas participando intensamente da militância do partido. Leigos e também padres e religiosos se engajavam a fundo nas campanhas políticas procurando colocar os candidatos do PT nas cadeiras da câmara dos vereadores, do congresso nacional e do senado. Pouco a pouco o partido foi crescendo e a figura de Lula, à frente, com seu carisma pessoal, também.

Lula candidatou-se pela primeira vez à presidência da república em 1989. Fez uma bela campanha, sempre apoiado pela Igreja, pelas classes médias, pelos intelectuais e artistas. Perdeu no último minuto devido a uma manobra do adversário, Fernando Collor de Mello, que expôs na televisão uma filha natural que havia tido antes de casar-se com a atual mulher, Marisa. Lula perdeu esta eleição e as duas seguintes, concorrendo desta vez com o atual presidente em fim de mandato, Fernando Henrique Cardoso. Fernando Collor

de Mello, seu adversário em 1989, foi deposto do poder por processo de “impeachment” votado por larga maioria no Congresso Nacional.

Desta vez, a vitória foi folgada e a campanha transparente e ética. A aguerrida militância do PT foi às ruas e trabalhou como nunca cantando o belo refrão que acompanha o candidato desde a primeira vez: “ Lula lá! Brilha uma estrela! Lula lá! Cresce a esperança! Sem medo de ser...sem medo de ser...sem medo de ser feliz!”

Além da militância nas ruas, o PT agora é um partido maduro e crescido, que conta com várias prefeituras, governos estaduais, vereadores, deputados e senadores compondo as instâncias do poder legislativo brasileiro. Lula veio com novo estilo. Suavizou o rosto, as expressões verbais e a maneira de vestir. Em lugar da agressividade que lembrava o antigo líder metalúrgico que comandava as greves do ABC paulista, o eleitor defrontou-se com um político maduro e sábio, que negociava habilmente e falava positivamente, sem fazer da denúncia sua única arma.

A força da Igreja certamente foi uma força poderosa apoiando Lula. Todo o segmento progressista pelo qual a Igreja do Brasil, reconhecida como valente e profética no mundo inteiro se tornou conhecida e apreciada, se fazia ver com as lapelas e as camisetas enfeitadas com a estrela vermelha, símbolo do candidato petista. Os recursos da mesma Igreja foram usados em favor do candidato, inclusive púlpitos, reuniões comunitárias e liturgias. Enfrentando o conflito com a ala mais conservadora, a ala mais politizada da Igreja brasileira saiu às ruas e às praças e mesmo dentro dos templos, lutou por Lula.

Além de representar, portanto, o sonho social de esquerda de ver um operário no poder, sentado na cadeira de primeiro mandatário da nação, Lula representa os ideais e as utopias da Igreja de ver na presidência da República alguém que realmente, verdadeiramente, ela espera que leve adiante as grandes lutas sociais e efetive as esperanças dos pobres.

A Igreja do Brasil foi talvez, dentro do continente latino-americano, a que mais se notabilizou por assumir em sua agenda e em seu agir, a opção pelos pobres. Por isso, sente-se frustrada e entristecida ao contemplar os dados do último censo, que mostra haver entre os 170 milhões de brasileiros, 45 milhões que se encontram abaixo da linha de pobreza. Nem se podem considerar pobres. São diretamente excluídos de toda condição digna de vida.

A essas a Igreja certamente espera que o governo de Lula beneficie. Cogita-se inclusive, entre alguns bispos mais progressistas da CNBB, criar um grupo para estar perto de Lula, aconselhando-o, cobrando-lhe as promessas de campanha, vigiando se seu programa de governo, com as reformas sociais anunciadas, está realmente indo avante.

O lema que Lula usou em sua campanha e com o qual está marcando seu governo é a palavra “esperança”. Suas promessas de campanha foram todas no sentido da esperança de um Brasil melhor, mais justo, mais habitável, onde os trabalhadores possam colher os frutos de seu trabalho e não perdê-los todos nas mãos ávidas do capital.

Por isso, durante a campanha, a palavra mais usada para combatê-lo foi “medo”. Houve e há muita gente com medo de Lula. Medo de perder seus privilégios, seus cargos conseguidos de maneira duvidosa, seus lucros exorbitantes e obscenos. Medo de ter que ver seu nível de vida baixar enquanto outros verão caminhos se abrirem e a esperança brilhar no horizonte.

Contra o medo, no dia 27 de outubro, para o povo brasileiro venceu a esperança. Esperança que é, entre as virtudes teológicas, a mais realista de todas. A esperança verdadeira tem pé no chão e não acredita em mágica. Aposta suas forças e convicções no

trabalho duro que há pela frente e nos processos lentos e constantes, que não se fazem do dia para a noite.

Lula não prometeu milagres nem é um milagreiro. É, porém, um homem decente e correto, com muita experiência política. Um homem corajoso e sem medo, que não recuará diante de medidas impopulares que sejam necessárias para um benefício maior. Lula conta, além disso, com uma boa assessoria. Tem a seu lado e consigo, partilhando seu governo, pessoas de reconhecida competência no cenário nacional.

Entre esses que são seus mais próximos interlocutores estão grandes teólogos, como Leonardo Boff e Frei Betto. Estão também bispos, já antigos e eméritos como Dom Paulo Evaristo Arns de São Paulo e Dom Luiz Fernandes de Vitória e Campina Grande. Assim também como bispos de ontem e de hoje, como a Presidência da CNBB, composta por Dom Jaime Chemello, Dom Marcelo Pinto Carvalheira e outros.

A esperança do Brasil é que com todos esses Lula irá governar. É um homem curtido pela vida dura e pelo amor à causa que abraçou. Conhece suas potencialidades, mas conhece igualmente seus limites. Não terá pretensões de agir sozinho, porque sabe que há coisas em que não é especialista. Não pretenderá alijar de seu governo os que pensam diferentemente, mas têm valor. Ao contrário, as alianças que foi obrigado a fazer para ganhar a eleição o obrigam a ser inclusivo.

Terá, talvez, alguma dificuldade com a quantidade de diferentes alas que abrigam seu partido, o qual, dentro da esquerda brasileira vai desde os mais radicais até os mais abertos. Há que confiar que a habilidade do próprio presidente, juntamente com a de seus assessores e interlocutores mais próximos o ajudará a tomar as atitudes convenientes.

Em todo caso, no dia 28 de outubro, o Brasil acordou mais leve. No ar, uma esperança de dias melhores. No rosto dos pobres, lágrimas de alegria e fé de que finalmente as coisas vão mudar. No coração dos brasileiros brilha uma estrela que faz olhar para a frente. Os oprimidos levantam a cabeça, os excluídos cruzam a soleira da porta de entrada. E a Igreja – que se dispõe estar ao lado de Lula para ajudá-lo a que seu governo transforme realmente sonho em realidade – faz memória e recita o capítulo 4 de Lucas, vv. 16-21 quando Jesus faz seu discurso programático na sinagoga de Nazaré, esperando de coração que os cegos estejam mais perto da vista, os coxos da caminhada, os presos da libertação, os pobres da vida em plenitude.